

Relato de experiência em estágio de psicologia hospitalar no sudoeste baiano com auxílio da musicoterapia

Experience report in hospital psychology internship in southwest Bahia with the help of music therapy

Flaviana Rocha Carvalho

Centro Universitário UniFG, Campus Guanambi, Guanambi, BA
<https://orcid.org/0000-0002-0958-1695>. E-mail: flaviagbi_@hotmail.com

Maria de Lourdes Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB Campus de Vitória da Conquista, Candeias – BA
<https://orcid.org/0000-0003-3270-8057>. E-mail: lourdessilvapsicologa@gmail.com

Resumo

O presente artigo objetiva relatar as intervenções realizadas, por meio dos momentos interativos com pacientes renais crônicos de modo a diminuir a ociosidade e auxiliar a manutenção da saúde mental. Deste modo, trata-se de um relato de experiência de uma acadêmica do curso de psicologia de uma Instituição de Ensino Superior (IES), localizada no sudoeste baiano, organizado e aplicado, a partir de um projeto que contou com intervenções musicais vivenciadas por intermédio da disciplina prática de estágio de cunho obrigatório. O trabalho aconteceu em uma unidade de tratamento renal com os pacientes que responderam questionamentos sobre suas preferências musicais e depois utilizou-se da musicoterapia para trabalhar temáticas como: segurança, insegurança, fortalezas, forças, luto e seguir em frente. Assim, esta experiência acadêmica com ênfase em Psicologia Hospitalar, em que a estagiária atuou nesta instituição com atividades terapêuticas de musicoterapia, contribuiu para o acolhimento e a escuta e proporcionou uma troca de conhecimentos entre os hospitalizados e a estagiária, auxiliou na manutenção da saúde mental dos pacientes, além de evidenciar memórias e interação, o que resultou na minimização da principal demanda encontrada, a ociosidade dos participantes.

Palavras-chave: Insuficiência Renal Crônica. Musicoterapia. Psicologia. Saúde. Doença Crônica.

Abstract

This article aimed to report the interventions carried out through interactive moments with chronic kidney patients in order to reduce idleness and help maintain mental health. In this way, it is an experience report of an academic of the psychology course of a Higher Education Institution (HEI), located in the southwest of Bahia, organized and applied from a project that had musical interventions experienced through a practical internship subject of a mandatory nature. It was carried out in a renal treatment unit with the patients, in which, through questions about their musical preferences, music therapy was used to work on themes such as: security, insecurity, strengths, strengths, grief and moving on. Thus, this academic experience with an emphasis on Hospital Psychology, in which the intern worked at this institution with therapeutic music therapy activities, in addition to welcoming and listening, at first, it provided an exchange of knowledge between the hospitalized and the intern, it helped to maintain the patients' mental health, in addition to highlighting memories and interaction, which resulted in the minimization of the main demand found, the idleness of the participants.

Keywords: Renal Insufficiency Chronic. Music therapy. Psychology. Health. Chronic Disease.

Introdução

Os pacientes renais em sua estadia no hospital durante as sessões de hemodiálise são acometidos por rupturas consideradas importantes, uma vez que existem perdas de papéis, como as ocupacionais. Ademais, cada sessão de hemodiálise pode apresentar de três a quatro horas, três vezes por semana, ocasionando um possível comprometimento com suas ocupações

externas frente a disponibilidade necessária ao que o tratamento exige, o que gera um maior tempo ocioso. É possível que este tempo livre pode trazer à tona sentimentos negativos como a inutilidade e o desânimo que podem influenciar a pensamentos depressivos (Silva, Peixoto, Souza, Santos, & Aguiar, 2018)

Desse modo, os que acometidos por um adoecimento crônico podem sofrer interferências diretas na saúde mental, pois passam a vivenciar sentimentos que afligem as suas rotinas como tristeza, medo e preocupação (Silva et al., 2018). Em decorrência disso, as intervenções realizadas tiveram a finalidade de contribuir com a manutenção da saúde mental destes pacientes. Isso posto, o referido projeto de culminância de estágio teve como intuito, promover atividades que possibilitassem momentos recreacionais aos pacientes renais crônicos de modo a diminuir a ociosidade e auxiliar a manutenção da saúde mental.

Sendo assim, a partir das observações feitas no decorrer do estágio e possíveis necessidades existentes, produziu-se tais intervenções que propunha uma maior reflexão acerca da manutenção da saúde mental destes pacientes e oportunizou momentos interativos a fim de suavizar o tempo ocioso destes, intermediou relações interpessoais com vistas a amenizar possíveis aspectos psicológicos negativos decorrentes da realização do tratamento renal, além de proporcionar atividades recreativas por meio da musicoterapia, considerando que o tratamento da hemodiálise, a doença crônica e a ociosidade estão presentes neste espaço. Assim, as intervenções que serão aqui apresentadas, fazem parte da realização do estágio, desde o momento de conhecer as estruturas deste espaço até o encerramento, com o *feedback* das estagiárias com os pacientes e com a instituição.

A partir das atividades realizadas na referida unidade parceira, observou-se várias consolidações daquilo que a psicologia se propõe e os relatos verbais e expressões corporais dos pacientes advindas da escuta atenta, empática e congruente. Por isso, a realização deste trabalho tem como objetivo relatar a experiência das intervenções recreativas por meio da musicoterapia realizadas nesta instituição, bem como, os resultados evidenciados a partir de tais atividades aplicadas.

Referencial Teórico

Enquanto campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos que circunda o adoecimento, a psicologia hospitalar tem muito a contribuir, visto que a psicologia nos ambientes de saúde pode iniciar com o propósito de identificar as repercussões psicológicas

decorrentes do processo de adoecimento e consequente hospitalização. Com isso, busca-se estratégias para minimizar as alterações psíquicas e compreender a experiência da pessoa doente (Azevedo & Crepaldi, 2016).

A exemplo, esta prática pode ocorrer em um hospital de tratamento renal, cuja principal atividade é o tratamento hemodialítico, pois, é a alternativa mais utilizada para aqueles que são acometidos por insuficiência renal crônica, no qual, possibilita conciliar a realização do tratamento como algo que faz parte da sua sobrevivência (Pinheiro, 2021). Dessa forma, o atendimento psicológico hospitalar tem o intuito de focalizar as repercussões psíquicas do indivíduo referentes à situação de doença e à hospitalização (Azevedo & Crepaldi, 2016).

Com isso, é de interesse da Psicologia Hospitalar oferecer acolhimento psicológico, por exemplo, àqueles que possuem vínculos às instituições de saúde, uma vez que é ampliada também a contribuição comunitária. Dito isto, a atuação nesta área existe um grande desafio junto aos profissionais que compõem as equipes de saúde e se encontram na linha de frente do tratamento da doença (Grincenkov, 2020). Ainda, sobre a concretização deste estudo, pode-se afirmar que o relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, que resulta de uma vivência acadêmica e/ou profissional e cuja característica principal é a descrição da intervenção (Mussi, Flores, & Almeida, 2021).

Vale salientar que, os recursos psicológicos alinham-se positivamente com a saúde e o bem-estar, pois permitem aumentar a resistência às possíveis adversidades, por meio de uma avaliação adequada sobre as situações e um melhor enfrentamento das mudanças ou dificuldades que podem acontecer e que a psicologia hospitalar pode contribuir (Pertence & Kohlsdorf, 2020). Frente a isso, na estratégia terapêutica denominada terapia breve observa-se que, muitas vezes, configura-se como uma intervenção com número menor e/ou previamente definido de sessões, em relação às psicoterapias mais habituais ou ao trabalho analítico (Cardinalli, 2020).

A psicoterapia breve deve ser caracterizada como uma proposta de intervenção focal. Assim é possível entender que o foco do trabalho psicoterápico pode estar em consonância maior com as proposições psicoterápicas fenomenológicas existenciais. Primeiramente, há a delimitação de um foco e depois procura-se compreender o sofrimento, as dificuldades ou as questões trazidas pelo paciente em suas queixas, seus sintomas, sua crise ou a maneira como ele está se relacionando consigo mesmo, com os outros e com o mundo (Cardinalli, 2020).

Nesse contexto, o sujeito em um hospital, diante de uma doença sem cura, que necessita de cuidados diários e intervenções medicamentosas que resulta em momentos de negação tanto frente ao diagnóstico quanto ao tratamento. Dessa forma, a pessoa repentinamente percebe seus hábitos diários mudarem, por vezes queda no poder aquisitivo, bem como, alterações em sua imagem corporal, vida financeira e social e restrições alimentares como hídricas. Assim, é notável que a presença de uma doença na vida de alguém, pode delimitar seus comportamentos em torno desta enfermidade. O que muitas vezes chega a influenciar uma reorganização familiar, por exemplo, no estilo de vida, uma vez que existe entre eles uma pessoa em adoecimento (Silva et al., 2018).

Com isso, buscou-se analisar as principais fragilidades e as fortalezas em contextos hospitalares em suas dimensões que serviu de base para a construção de medidas de intervenção em dimensões consideradas frágeis e foram identificados com relação à segurança destes, porém ainda são incipientes em relação aos hospitais avaliados. Embora a maioria dos profissionais classifique a segurança como boa, as fortalezas nas dimensões da cultura de segurança foram escassas em hospitais públicos e mais concentradas em hospitais privados (Andrade et al., 2018).

Ainda assim, sobre os prejuízos causados no ambiente hospitalar, como ficar por longos períodos com tempo ocioso, que podem ser peculiares a cada paciente em sua forma de lidar com momento delicado, pois, pode envolver baixa autoestima, pensamentos depressivos, ansiedade, nervosismo, dentre outros. Além disso, a hospitalização e/ou tratamento pode ser experienciado como um pesadelo, traumático que pode culminar em alterações na estabilidade do tratamento porque o psicológico tem forte influência no organismo (Seki & Galheiro, 2010).

Desse modo, é importante o cuidado com o sujeito doente devido à constituição do ser humano, seja porque há um envolvimento emocional adjunto a este comportamento, seja por uma atitude que demonstre solicitude, atenção ao outro, bem como a preocupação e a inquietação (Ahnerth, Dourado, Gonzaga, Rolim, & Batista, 2020).

Com isso, frente aos recursos que podem ser usados, cabe aos profissionais de saúde investirem neste cuidado ao outro, porque contribuem para a prevenção de possíveis desestabilidades e alivia o sofrimento (Seki & Galheiro, 2010). Isso porque frente ao ambiente hospitalar, os pacientes podem se sentirem inseguros, terem medo de errar ou de não serem aceitos, com desejos de serem importantes, de se mostrarem úteis e de serem reconhecidas,

contribuindo com a autoestima destes (Calengue & Gordon, 2013). Ainda, a exemplo, o uso sensível da música pode se tornar um fator primordial nestes casos (Seki & Galheiro, 2010).

Na musicoterapia oportuniza a saúde e o bem-estar e proporciona a expressão de sentimentos e desejos a partir da combinação de sons e silêncio (Britez, Nunez, & Almiron, 2020). Um estudo realizado por Vega (2020), em um Hospital Psiquiátrico, onde os pacientes escolhiam a trilha sonora comprova a eficácia emocional da musicoterapia no tratamento com pessoas hospitalizadas, ainda mais com recursos metodológicos em que o paciente pode encontrar um equilíbrio em seus processos emocionais, cognitivos e comportamentais. Segundo o autor supracitado, quando o paciente escuta a música de seu gosto traz da memória momentos vividos que facilitam os processos de identificação e projeção de estados emocionais, sejam estes com caracteres felizes e tristes, que podem demonstrar a insegurança do paciente, sejam em aspectos e perspectivas em relação ao seu processo de adoecimento.

Vale salientar que o significado da palavra insegurança gira em torno da sensação de estar em perigo, em um local ameaçador, algo como relativo a não confiança. Logo, dentro de um contexto hospitalar tal sensação pode se tornar muito presente, principalmente naqueles indivíduos que estão passando por alguma situação de doença ou frequentar rotineiramente o referido ambiente. No entanto, é esperado que se tudo ocorrer bem, a insegurança vai diminuindo conforme acostuma-se com tal situação. Na medida em que se percebe algum grau de sucesso ou que, ao menos, está acontecendo alguma melhora e a confiança emerge nestas circunstâncias (Cassas, 2019).

Ao tratar de perdas, há envolvimento de pessoas, objetos e até questões abstratas como liberdade em alimentar-se de acordo seus desejos, entre outros. No início, essa situação de perda pode ser vista como penoso e restar a opção de seguir em frente, continuar suas vidas. Mas, como todo rito, o luto reivindica seu espaço e uma adaptação as circunstâncias que a nova realidade se impõe. Deste modo, frente a tantas peculiaridades que envolvem o processo de perda, é importante que o enlutado possa contar com uma rede de apoio, como pessoas dispostas a ouvi-lo, e acolhê-lo diante a sua dor, que possa mostrar-se queixoso e choroso. Pois, envolve lembranças, saudades, que ao compartilhar com os demais também pode trazer algum tipo de conforto (Kowal & Soriano, 2017).

Frente ao exposto, é plausível que equipes de profissionais como psicólogos, médicos, enfermeiros em instituições de saúde possam consolidar ainda mais os pontos fortes e fortalecer os pontos fracos de pessoas hospitalizadas. Além disso, os pacientes vivenciam repercussões

psíquicas como sensações de fragilidades, inseguranças quanto as circunstâncias exigidas em um tratamento como renal, além de ter que abdicar de atividades, estilos de vida e costumes, visando estabilidade e regularidade do acompanhamento da sua saúde. Nesse sentido, esses pacientes passam a seguirem em frente ou mesmo vivenciar o luto de uma rotina mais autônoma como, está presente no hospital nos dias de realizar sessões de hemodiálise (Silva et al., 2016)

Assim, faz-se necessário que temas como: forças e fortalezas, segurança e insegurança, luto e seguir em frente sejam trabalhados por meio das intervenções musicais com os pacientes de tratamento renal do hospital em que foi realizado o estágio, visto que o desequilíbrio destas circunstâncias, acima mencionadas, inviabiliza uma série de questões como a manutenção da saúde mental que foram trabalhadas a partir das intervenções explanadas a seguir.

Método

O presente artigo apresenta um relato de experiência de uma acadêmica do curso de psicologia de um Centro Universitário de um município do sudoeste baiano, Bahia, Brasil, no âmbito de um hospital de tratamento renal. O mesmo, parte da premissa desenvolvida a partir de uma disciplina prática de estágio do referido curso de graduação, ao qual sua execução aconteceu mediante um projeto de intervenção que buscou contribuir com aspectos da saúde mental dos pacientes do referido hospital.

Com isso, como parte da avaliação, o estágio curricular de cunho obrigatório, propôs atividades que foram realizadas por intermédio de intervenções musicais, baseadas em temáticas como: forças e fortalezas, segurança e insegurança, luto e seguir em frente. Assim, a partir da arte da musicalidade visou intervir na ociosidade dos pacientes de uma instituição de tratamento renal, assim, auxiliando a manutenção da saúde mental destes.

Considerando as intervenções realizadas com os pacientes em uma unidade hospitalar de tratamento renal, foram evidenciadas temáticas como ociosidade, manutenção da saúde mental, o adoecimento crônico renal, no qual, a partir das demandas percebidas foi desenvolvido um trabalho a partir de intervenções que trouxe através do acompanhamento auditivo das letras das músicas direcionamentos e reflexões sobre: forças e fortalezas, segurança e insegurança, luto e seguir em frente.

A partir da realização da carga horária de estágio, a discente de psicologia construiu um projeto com propostas interventivas musicais, que foram elaboradas a partir de possíveis demandas evidenciadas, por meio da escuta realizadas com os hospitalizados deste espaço

durante o período que ali se fez presente. Assim, frente a vivência de um estágio curricular específico de cunho obrigatório do curso em questão, foram evidenciados resultados mediante experiência na instituição supracitada. E para tal, foram efetuadas escutas qualificadas através de atendimentos que tiveram como prerrogativa a psicoterapia breve de apoio e focal, além de observações. Ainda, o projeto de intervenção também foi apresentado à psicóloga responsável deste hospital que expressou aprovação verbal e disponibilizou materiais bibliográficos, planilhas com informações de atividades já realizadas com os pacientes à disposição.

Ademais, realizou-se o contato verbal com os pacientes a obtenção de informações das preferências musicais destes pacientes e assim, e só a partir desse levantamento de dados que se deu o início das intervenções. Com atividades que inicialmente foi oferecido a escuta aos hospitalizados, que visou saber quais seriam suas preferências musicais.

As observações e intervenções aconteceram as terças-feiras e as quartas-feiras, das 13h30min às 17h30min, assim, abarcou um total de 60 pacientes que realizavam tratamento de diálise do segundo e terceiro turno, ou seja, àqueles que realizavam seus procedimentos hemodialíticos e retornavam aos seus domicílios, com uma média de 15 pacientes abordados por dia de intervenção. Assim, dentro de seus horários pré-estabelecidos, ou seja, àqueles que davam início às 10h30min e finalizava às 14h30min e os que início às 15:00h e finalizava às 19:00h. Deste modo, foram feitos registros dos gostos musicais, ao qual, incluíram Gospel, Sertanejo Raiz, Brega, Forró e axé a serem executadas nos dias 11,12, 18, 19, 25 e 26 de maio de 2021, numa somatória de oito horas semanais.

As intervenções ocorreram no período de primeiro ao trigésimo dia do mês de junho de 2021, haja vista que foram aplicadas duas vezes por semana, com carga horária de quatro horas diárias. Elas foram intercaladas entre o salão central e com mais duas salas adjacentes, nomeadas por sala um e sala dois. Isso aconteceu porque durante o período de quatro horas, ocorria a troca de turno de paciente, logo, a dinâmica era aplicada nos dois turnos de cada dia.

Diante disso, a partir das supervisões de estágio, foi possível o planejamento das intervenções musicais, sendo definido 12 intervenções que ocorreram entre o dia primeiro ao dia trinta de junho, por quatro horas diárias, distribuídas em 15 minutos com cada paciente, intervindo em média 16 pacientes por dia. Após toda a esquematização, as estagiárias em cada dia de mediação contaram com o apoio de um *smartphone* e uma caixa multimídia portátil, no qual executavam a seleção musical de duas músicas para cada paciente, de acordo com a predileção do grupo e embasado na temática proposta do dia.

Inicialmente as intervenções começavam com a execução de pelo menos duas músicas ininterruptas operacionalizadas pela caixa de som portátil e controladas por um *smartphone*, previamente organizadas pelo gênero musical demandados anteriormente que abordavam a temática a ser trabalhada, para só assim iniciar os questionamentos como: “O que te fez pensar na escuta das músicas?”, “O que te faz lembrar quando ouvi?”, “Esse momento de escuta das suas preferências musicais, lhe ajuda de algum modo no tratamento? ”, “Gostaria que tivesse outros momentos como esse?”. Tendo em conta que as seleções musicais davam continuidade, enquanto eram realizadas as provocações através das perguntas supracitadas.

Ademais, as intervenções puderam ocorrer tanto de forma individual com os pacientes do salão central, quanto de forma coletiva em salas anexas um e dois. Todas as intervenções tiveram como objetivo geral trabalhar com as demandas centrais de ociosidade no ambiente hospitalar e com a atuação de uma melhoria na saúde mental desses pacientes. Além disso, realizou-se a mediação com a execução das músicas com os temas propostos que foram: forças e fortalezas, segurança e insegurança, luto e seguir em frente. Assim, estes pontos foram trabalhados através das atividades aplicadas às terças-feiras e às quartas-feiras, no período supracitado.

Resultados e Discussão

A partir das intervenções realizadas, foram perceptíveis resultados relevantes dos pacientes que através da fala deram-se conta de sentimentos como: felicidade, de valorização por se sentirem importantes e alegres ao terem sido escutadas suas preferências, além dos relatos de estarem vivenciando momentos de descontração e de recordações de fases da vida, como a infância e da saudade ao se recordarem.

Com isso, profissionais como da psicologia e pesquisadores do comportamento humano estão sempre em busca do rompimento de um fazer tradicional fundamentado em um discurso de objetividade e neutralidade, na noção de sujeito universal e homogêneo, desconsiderando-se as questões sociais que atravessam a subjetividade. Geralmente, tal concepção tem como foco o sujeito no âmbito de suas relações privadas e familiares (Silva & Vieira, 2020).

Através das letras das músicas e das vivências do paciente, todos se pronunciaram sobre a importância de observar as coisas com mais atenção e de buscar motivos e razões para se apoiar, assim, por exemplo, nas preferências de quanto os hinos de louvor lhes ajudavam no enfrentamento da doença. Nesse sentido, Uggion e Castro (2020) afirmam que a música

utilizada pode ser um intermédio que possibilita ao paciente que fale de si mesmo sem referir diretamente ao eu, e sem saber que o está fazendo. Ainda, sua funcionalidade é como a de algo palpável que distancia o objeto real e possibilita que o indivíduo entre no processo terapêutico, acrescentando ou recuperando elementos aos papéis que ele desempenha.

Assim, foi trazido na fala destes pacientes a mudança de comportamentos durante a pandemia, dentre eles: a diminuição em frequentar seus templos religiosos ou qualquer outro lugar que poderiam promover aglomerações. Ao iniciar a intervenção, um dos participantes comparou as músicas com a da semana anterior que havia sido mais agradável, e para tal, foi esclarecido que a cada semana há um propósito de trazer suas escolhas e das outras pessoas. Ainda, estes pacientes chegaram a relatar que ao escutar as músicas, ficam mais tranquilos.

Com isso, destaca-se a existência de canções que envolvem o indivíduo, que o faz recordar a letra, ritmo, melodias ou até mesmo momentos marcantes embalados por uma música e ao escutá-la faz com que se movimenta, como o pé ou outras partes do corpo, como uma forma de reação ao ritmo envolvente. Assim, percebe-se que a música encanta, envolve e cativa às pessoas gerando sentimentos e revivendo memórias (Silva & Piovesan, 2018).

A interrupção de coisas que fazia parte da rotina, contato com os familiares reduzido, desde a locomoção de casa até o hospital, processo dialítico e retorno aos lares, convívio com equipamentos até então estranhos, ter a necessidade e disposição de contribuir na administração ao tratamento submetido que podem causar medos, ser dolorosos, da obrigatoriedade de ter que fazer contatos com as pessoas envolvidas ao caso, além do sentimento de impossibilidade de controlar o que acontece com o sujeito (Pinheiro, 2021). Com isso, os pacientes expuseram o quanto a música os ajuda em várias situações como servir de companhia, auxiliar a dormir à noite e ainda pode servir de conforto.

Além disso, com a escuta das canções, a somatória de dez pacientes ouviu em silêncio e afirmaram que a música a partir de suas letras, podem transmitir uma mensagem quando precisamos ouvir, outros citaram que pode ajudar no enfrentamento de situações, na relação com amigos e colegas de tratamento. Ao tratar da temática trabalhada, afirmaram ser necessário seguir em frente, aprender a conviver com as mudanças, como foi a despedida de funcionários que já atuaram neste hospital e outros companheiros de tratamento que foram transferidos para outros hospitais e até daqueles que vieram a óbito.

Ainda, fizeram referências às mudanças, nas quais, eles perpassam no seu estilo de vida acarretadas pela doença crônica e pelo tratamento dialítico, que resultam em limitações físicas,

sexuais, psicológicas, familiares e sociais, que podem afetar a qualidade de vida dos mesmos (Silva et al., 2018). Dessa forma, em outros momentos os pacientes fizeram uma correlação com experiências anteriores como presença de cantores neste local as canções ouvidas. O que contribuiu para lembranças deles antes de iniciarem o tratamento, em que tinham maior liberdade para momentos de lazer.

Quando o sujeito adoece, não acontece apenas organicamente, mas, seu tempo que era fragmentado, passa a ser exclusivo para o tratamento de hemodiálise e as questões burocráticas envolvidas como marcação de exames, busca de medicações necessárias e esse excesso de exigências e imposições reafirmadas e compartilhadas culturalmente, há uma busca incessante por um corpo impuro, sem patologias. Assim, frente à hospitalização e ao encontro com a doença essa idealização mítica sofre grande abalo (Gomes & Próchno, 2015).

Do mesmo modo, todos os pacientes das salas anexas relataram que as canções seriam propícias a um carnaval e gostariam que fosse feito uma simulação, mas, se viam presos as máquinas de hemodiálise. Com isso, numa pesquisa feita por Uggion e Castro (2020), com psicodramatistas, afirmaram que a música facilita o acesso ao mundo interno e relacional do paciente, diminuindo suas defesas psíquicas e levando-o ao campo das emoções. Isso também possibilitou a expressão do sofrimento e de sentimentos relacionados, facilitou o acesso às memórias afetivas, favoreceu a comunicação, auxiliou a elaboração de situações difíceis e contribuiu para o resgate da espontaneidade.

Ainda assim, a música é vista como um importante instrumento para a promoção de saúde mental, que tem sido reconhecida por seu grau terapêutico nos últimos vinte anos e a construção organizada de sons pode auxiliar no relaxamento e no equilíbrio mental, permite o contato consigo mesmo (Uggion & Castro, 2020). Dito isto, quando os pacientes foram questionados sobre o que sentiam quando as ouviram as músicas, trouxeram uma fala saudosista, relacionando-as a lembranças boas. Já sobre a insegurança, todos afirmaram não ter se sentido assim em momento algum, mas, dentre os medos está o de ficar acamado e ter que depender de outras pessoas.

No entanto, o cuidado prestado a um sujeito, dentro do âmbito social da saúde pode ser praticado por profissionais especializados como em nefrologia, se for o caso de tratamentos renais. É importante incluir a família no tratamento, incentivando sua participação nas atividades da vida diária e fornecendo orientações. Pois, quando a família está bem-informada,

tem maiores condições de participar do tratamento e agir de forma coerente e participativa com a equipe de saúde (Brotto & Guimarães, 2017).

Ao longo das intervenções, oito pacientes relataram lembranças de quando eram mais novos, e se viam mais ativos e que hoje se encontram mais debilitados, demonstrando-se enlutados frente as experiências vivenciadas no passado, apesar de um destes pacientes enfatizar que não deixou de namorar. Diante disso, para Ralha-Simões (2015), torna-se importante revalorizar fatores antes negligenciados, pois, frente a essa apreciação deste período entendida como um balanço sobre o que foi a própria vida. Ademais, é ainda possível construir novas metas e novos objetivos quando se aproximam do envelhecimento, ativo que vise preservar ou alcançar finalmente a qualidade de vida a que não foi possível aceder anteriormente, na qual, a maioria faz parte desta realidade chegando a fase idosa.

Na execução das intervenções do dia 18 de maio de 2022 foi discutido sobre a necessidade de as pessoas dependerem uma das outras, direta ou indiretamente em nosso dia a dia, assim como também ser comum em alguns momentos de a vida ter sensações de insegurança. Eles acompanharam atentamente demonstrando aprovação e afirmaram que traziam lembrança de entes queridos que haviam falecido, além de despertar o saudosismo de familiares que se encontravam distantes por questões de trabalho.

Com isso, a escuta das canções durante as intervenções foi intitulada por 30 destes pacientes como maravilhoso, mesmo diante da desesperança, ao qual é enfatizado a dificuldade vivenciada por estar internado, remetendo-se a necessidade de seguir em frente. Pois, o acompanhamento auditivo da música possibilita reviver a esperança, a partir do encontro com boas lembranças do que já foi vivido (Nunes et al., 2020).

Ainda assim, ao serem questionados sobre as forças e fortalezas frente a vida, vários pacientes reportaram que às vezes sentem medo de que coisas ruins aconteçam. Nos momentos de questionamentos sobre ao ouvirem as músicas, três destes reportaram nas falas a religiosidade e a crença como apoio de que tudo iria se resolver, que contribui para se sentirem mais fortalecidos frente ao tratamento.

Desse modo, o processo de humanização da assistência hospitalar advém da necessidade de reforma da tradição clínica e epidemiológica, sendo necessário estar presente a combinação da objetivação científica do processo saúde/doença/intervenção com novos modos de trabalhar, incorporando o sujeito e sua história desde o momento do diagnóstico até o da intervenção. Ademais, a humanização da saúde considera a essência do ser como biopsicossocial, o respeito

da individualidade e a necessidade da construção de um espaço concreto nas instituições de saúde que legitime o elemento humano das pessoas envolvidas (Campos & Nakazu, 2016).

Sobre o tema trabalhado da segurança e insegurança, foi explicitado pelos pacientes que isso faz parte da vida, pois, muitas vezes, eles se sentem inseguros em relação ao tratamento de como o ocorre, o comprometimento renal, no qual, a fase adaptativa gera tais sensações inseguras, na família, às vezes, também se sentem inseguros. Ainda, relacionou-se as canções e afirmaram que colabora de algum modo, como ajuda no enfrentamento de situações adversas, por exemplo, no tratamento.

Diante disso, a música está presente no dia a dia e nas vidas das pessoas, que pode emocionar, alegrá-las, entristecer, enfurecer, causar medo. Ainda assim, como forma de tratamento, é referência, porque produz bem-estar, torna o paciente mais comunicativo e expressivo, além de outras consequências benéficas. Portanto, a musicoterapia no ambiente hospitalar como uma prática integrativa e complementar é um procedimento eficaz e de baixo custo e que pode trazer resultados satisfatórios como melhora da autoestima (Ponta & Archondo, 2021).

Houve acompanhamento dos pacientes no momento da música e vários explicitaram o desconhecimento das escolhas feitas por outros enfermos, ao mesmo tempo, teceram elogios, enfatizando que traz um alívio e uma leveza para eles. Desta forma, frente a um tratamento que é capaz de lhe desestruturar, por conta da doença, a música pode ser uma alternativa, pois possui potencial no restabelecimento da homeostase (Frizzo, Souza, Muller, & Ozi, 2020). Ao serem questionados sobre segurança e insegurança, estes afirmaram serem muito seguros com a vida, as coisas do seu convívio, fazerem planos de conseguir o transplante, construir famílias e terem filhos.

Dessa forma, a promoção da esperança é uma tarefa desafiante e de máxima importância no cuidar, pois, ela harmoniza na pessoa doente um sentido de bem-estar. Frente a complexidade situacional envolvente destas pessoas, torna-se fundamental que os profissionais de saúde enquanto psicólogo desenvolvam interesse e compreensão acerca da relação entre a esperança e o sentido de vida, uma vez que ambos proporcionam coragem e que vai focalizar num futuro com legítimas possibilidades, ainda que em casos breves (Martins, Domingues, Andrade, Cunha, & Martins, 2016).

Pelo menos trinta pacientes se mostram agradecidos por tudo que vivenciaram antes do tratamento, por vezes, afirmaram que não gostaria que as pessoas sentissem pena deles,

porque entende que não se resumem a suas limitações, mais sim as suas potencialidades, portanto, não se identificam com o sentimento de pena que a sociedade por vezes os enxerga.

Nessa perspectiva, as ações dos profissionais de saúde devem ser orientadas à mudança e ao desenvolvimento de acordo aos níveis de subjetividades da pessoa e das suas peculiaridades. Pois, ao atribuir central importância à capacidade dos indivíduos e grupos de se posicionarem de forma ativa em seus diversos caminhos de vida, emergindo como sujeitos de suas próprias práticas (Rey, Goulart, & Bezerra, 2016). Assim, durante a escuta, foi utilizado pontuações breves como a importância da autovalorização, mais reforçadoras acerca das potencialidades deles.

Apesar de dez pessoas relatarem não conhecerem algumas canções escolhidas por outros pacientes, disseram ter gostado e elogiaram como letras bonitas. Ainda, afirmaram que a música é importante para a vida do ser humano, pois entende que pode ajudar de várias formas. Questionados sobre as temáticas de luto e seguir em frente, afirmaram que na pandemia tem percebido muitas mudanças, em casa não recebem mais visitas, ainda as ruas estão mais vazias, assim, mostraram-se enlutados a rotina que tinham anteriormente à pandemia. No entanto, afirmam ser necessário adaptar-se aos novos protocolos de segurança, como a proteção pelo uso de máscara e distanciamento social.

Com isso, a restrição social como medida de Saúde Pública foi necessária, visto como uma atividade bem-sucedida que há benefícios quanto à redução da taxa de transmissão da COVID-19. Por outro lado, se faz presente os efeitos negativos adjunto a essa restrição (Malta et al., 2020). Já sobre o tratamento, para os pacientes também foi perceptível mudanças, mais regras impostas, com limitações e que restaram apenas o que é essencial para o tratamento. Assim, foi enfatizado também sobre a relevância de seguir em frente, mesmo diante de mudanças que foram acometidas.

Dessa forma, entenderam a relevância de se adaptarem a novas situações, inclusive, entende como muitas coisas são necessárias como os cuidados em saúde. Houve uma boa aprovação sobre as intervenções recreativas através da musicoterapia, em que, já conheciam o que facilitou o decorrer das intervenções. Doze pacientes mencionaram outras preferências musicais não mencionadas na fase de catalogação.

Além do que, os pacientes relataram que as canções são interessantes porque tratam de histórias que pode haver uma identificação ou trazer lembranças, como foi o caso de um deles que fez uma correlação de tais músicas e com a lembrança de um antigo amor, mas, que não foi

concretizado. O que se associou à temática do luto e seguir em frente. Outros, trouxeram que na vida há muitos desafios como ter que iniciar o tratamento no fim do último ano e ter que renunciar a antigos costumes, como o de desempenharem seus papéis de trabalhador em áreas específicas.

Para além disso, todos os pacientes reportaram ter sido uma experiência positiva, porque houve escuta, acolhimento, além de afirmarem que as intervenções faziam com que o tempo passasse mais rápido. Desse modo, para Meiado e Fadini (2014), a psicologia adjunta à equipe multidisciplinar objetiva escutar e acolher o sofrimento do sujeito adoecido frente às suas principais dificuldades no que tange essa fase.

Com isso, muitos afirmaram que ficariam com saudade da presença das intervenções realizadas pelas estagiárias de psicologia, tecendo elogios. Assim, como uma importante ação para o ego, o elogio também pode ser visto como uma forma rápida, segura, econômica e muito eficaz na forma de motivar uns aos outros (Calengue & Gordono, 2013). Por fim, com as despedidas e feedback encerrou-se às intervenções do estágio de psicologia em um Hospital do Rim do sudoeste baiano.

Considerações finais

O estágio como um todo foi de grande pertinência para o aprendizado acadêmico, pois oportunizou a atuação profissional em forma de aprendizagem em uma instituição de saúde com hospitalizados renais crônicos; assim como uma experiência prática vinculada ao apoio dos envolvidos desde a elaboração do projeto até as intervenções aplicadas no público alvo que foram os pacientes, bem como, a colaboração da parceria entre a Instituição de Ensino Superior (IES) do Sudoeste da Bahia e de um Hospital de Tratamento Renal do interior baiano e acrescentou-se como uma experiência positiva frente aos conhecimentos adquiridos.

Dessa forma, com as trocas mútuas entre a estagiária e a instituição hospitalar que possibilitou trabalhar as demandas levantadas neste ambiente e com isso buscou-se melhorias, como proporcionar momentos interativos com os pacientes. Apesar de algumas limitações impostas diante da pandemia de Covid-19, poderiam ter sido mais abrangentes as atividades recreativas através da musicoterapia, pois, é um local que possibilita vários espaços e pessoas que poderiam complementar o público-alvo das intervenções para além dos pacientes, como familiares/acompanhantes e profissionais que também poderiam ser incluídos na concretização das atividades do projeto aplicado. Por fim, é pertinente sugerir tais experiências da mesma

natureza em outros cenários que se incluem a atuação da psicologia, tendo em vista o quanto outras pessoas possam se beneficiarem dos recursos da musicoterapia.

Referências

- Ahnerth, N. M. S., Dourado, D. M., Gonzaga, N. M., Rolim, J. A., & Batista, E. C. (2020). "A gente fica doente também": Percepção do cuidador familiar sobre o seu adoecimento. *Gerais: Revista Interinstitucional Psicologia*, 13(1), 1-20. <https://dx.doi.org/10.36298/gerais2020130106>.
- Andrade, L. E. L., Lopes, J. M., Souza Filho, M. C. M., Vieira Júnior, R. F., Farias, L. P. C., Santos, C. C. M., & Gama, Z. A. S. (2018). Cultura de segurança do paciente em três hospitais brasileiros com diferentes tipos de gestão. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(1), 161-172. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018231.24392015>.
- Azevedo, A. V. S., & Crepaldi, M. A. (2016). A Psicologia no hospital geral: Aspectos históricos, conceituais e práticos. *Estudos de Psicologia*, 33(4), 573-585. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000400002>.
- Britez, E., Nunez, D., & Almiron, M. (2020). Valoración de la musicoterapia en pacientes oncológicos pediátricos y sus cuidadores. *Anales de la Facultad de Ciencias Médicas*, 53(3), 53-62. <https://doi.org/10.18004/anales/2020.053.03.53>.
- Brotto, A. M., & Guimarães, A. B. P. (2017). A influência da família no tratamento de pacientes com doenças crônicas. *Psicologia hospitalar*, 15(1), 43-68. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000400019>.
- Calengue, C. S. G. F., & Gordono, F. S. (2013). A importância da prática do elogio para as organizações. *DICA*, 4(3), 1-10. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131999000100004>.
- Campos, L. F., & Nakasu, M. V. (2016). Efeitos da utilização da música no ambiente hospitalar: Revisão sistemática. *Revista Sonora*, 6(11), 9-17. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1889>.
- Cardinalli, I. E. (2020). Psicoterapia focal: Psicoterapia breve fenomenológica existencial. *Psicologia Revista*, 29(1), 157-175. <https://doi.org/10.23925/594-3871.2020v29i1p157-175>.
- Cassas, L. P. (2019). *Sentimento de insegurança: Um ensaio metapsicológico* [Dissertação de Mestrado em psicologia]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://doi.org/10.11606/D.47.2019.tde-28062019-103800>.
- Frizzo, N. S., Souza, A. Z. C. Muller, A. P. W. C., & Ozi, A. M. (2020). Música como recurso de enfrentamento em pacientes oncológicos e familiares. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40(e217577), 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003217577>.
- Gomes, D. R. G., & Próchno, C. C. S. C. (2015). O corpo-doente, o hospital e a psicanálise: Desdobramentos contemporâneos? *Saúde e Sociedade*, 24(3), 780-79. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015134338>.
- Grincenkov, F. R. S. (2020). A psicologia hospitalar e da saúde no enfrentamento do coronavírus: Necessidade e proposta de atuação. *HU Revista*, 46(1), 1-2. <https://doi.org/10.34019/1982-8047.2020.v46.30050>.
- Kowal, L. M., & Soriano, S. S. (2017). Reflexões acerca da morte, luto e vida. *XIV Jornada científica dos campos gerais pesquisa e direitos humanos*, 15(1), 1-4. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672010000600033>.

- Pertence, L., & Kohlsdorf, M. (2020). Resiliência familiar no processo de hospitalização infantil. *Perspectivas em Psicologia*, 24(1), 1-27. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300013>.
- Malta, D. C., Szwarcwald, C. L., Barros, M. B. A., Gomes, C. S., Machado, I. E., Souza Júnior, P. R. B., ... Gracie, R. (2020). A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: Um estudo transversal, 2020. *Epidemiologia Serviço e Saúde*, 29(4), 1-13. <https://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742020000400026>.
- Martins, R., Domingues, M., Andrade, A., Cunha, M., & Martins, C. (2016). A esperança em doentes internados em unidades de cuidados continuados. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 5(2), 1-11. <https://doi.org/10.1590/S1983-14472011000200010>.
- Meiado, A. C., & Fadini, J. P. (2014). O papel do psicólogo hospitalar na atualidade: Um estudo investigativo. *RECIFIJA- Revista Científica das Faculdades Integradas de Jaú*, 11(1), 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000400002>.
- Mussi, R. F. F., Flores, F. F., & Almeida, C. B. (2021). Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Revista Práxis Educacional*, 17(48), 1-18. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>.
- Nunes, E. C. D. A., Oliveira, F. A., Cunha, J. X. P., Reis, S. O., Meira, G. G., & Szylit, R. (2020). A música como instrumento de cuidado transpessoal - percepções de indivíduos hospitalizados assistidos na extensão universitária. *Escola Anna Nery*, 24(2), 1-8. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2019-0165>.
- Pinheiro, P. (2021). Hemodiálise: O que é, para que serve e como se faz. *Escola Anna Nery*, 5(1), 1-17. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452010000400004>.
- Ponta, G. A., & Archondo, M. E. D. L. (2021). A musicoterapia no ambiente hospitalar: Uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde*, 1(1), 16-32. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000300013>.
- Ralha-Simões, R., & Ralha-Simões, H. (2015). Envelhecimento e qualidade de vida para além da integridade e do desespero. *Omnia*, 1(3), 11-19. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000300009>.
- Rey, F. G., Goulart, D. M., & Bezerra, M. S. (2016). Ação profissional e subjetividade: Para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. *Educação* 39(supl.) s54-s65. <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2016.s.24379>.
- Seki, N. H., & Galheigo, S. M. (2010). O uso da música nos cuidados paliativos: Humanizando o cuidado e facilitando o adeus. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 14(33), 273-284. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010000200004>.
- Silva, G. H., & Piovesan, J. C. (2018). Música no ambiente hospitalar: Uma possibilidade de proporcionar alegria e ludicidade na internação. *Vivências*, 14(26), 204-219. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000500018>.
- Silva, G. O., Peixoto, L. C. P., Souza, D. A., Santos, A. L. S., & Aguiar, A. C. S. A. (2018). Repercussões do adoecimento crônico na saúde mental de pessoas idosas. *Revista Enfermagem UFPE*, 12(11), 2923-2932. <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i11a234540p2923-2932-2018>.
- Silva, M. N., & Vieira, E. D. (2020). Clínica psicológica e sofrimentos sociais. *Perspectivas em Psicologia*, 24(1), 1-19. <https://doi.org/10.14393/PPv24n1a2020-50948>.
- Silva, R. A. R., Souza Neto, V. L., Oliveira, G. J. N., Silva, B. C. O., Rocha, C. C. T., & Holanda, J. R. R. (2016). Estratégias de enfrentamento utilizadas por pacientes renais crônicos em tratamento hemodialítico. *Escola Anna Nery*, 20(1), 147-154. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160020>.

- Uggion, E. S., & Castro, A. (2020). A percepção de psicodramatistas sobre a utilização de música como objeto intermediário em psicoterapia. *Perspectivas em Psicologia* 24(1), 254-273. <https://doi.org/10.14393/PPv24n2a2020-58543>.
- Vega, M. R. L. L. (2020). Musicoterapia grupal activa y depresión en pacientes del Hospital de Psiquiatria - CNS. *Revista de Investigacion Psicologica* 1(24), 11-36. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832011000300010>.